



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a I
Conferência Nacional de Aprendizagem Profissional**

Centro de Convenções – Brasília-DF, 24 de novembro de 2008

Quero cumprimentar o Presidente do Senado, senador Garibaldi Alves,
O Ministro do Trabalho e Emprego, companheiro Lupi,
O Ministro da Previdência Social, José Pimentel,
O Ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República, Luiz
Dulci,

A minha companheira Marisa,
Os deputados federais, eu pelo menos vi aqui alguns companheiros.
Estou vendo aqui o Magela na minha frente, vou botar o nome aqui,
Companheiro Cristovam, senador da República,
Meu caro companheiro Antônio Lima Neto, Presidente do Banco do
Brasil,

Maria Fernanda Coelho, Presidente da Caixa Econômica Federal,
Companheiro Otávio Brito Lopes, Procurador-Geral do Trabalho,
Nelson Savioli, Superintendente Executivo da Fundação Roberto
Marinho,

Laís Abramo, Diretora da OIT no Brasil,
Meu caro Raí, Presidente da ONG “Atletas para a Cidadania” e quero
cumprimentar os companheiros e companheiras atletas aqui presentes,

O Clodoaldo, nosso querido nadador,
O Flávio Campos, judoca,
Quero cumprimentar a Patrícia Medrado, tenista,
O Zetti, aprendiz de jogador de futebol,
O Henrique Guimarães, judoca,
A Ana Moser, aprendiz de jogadora de vôlei,



O Ricardo Vidal, atletismo,
A Vanessa Menga, jogadora de tênis,
Quero cumprimentar meus caros aprendizes do Conanda, o Dêncio (inaudível). Acho que foi o Dêncio que falou.

O Luiz Flávio Alves. Você que é o Luiz Flávio Alves? O Luiz é mineiro, o Dêncio é mineiro. O Luiz é de Goiânia, é isso?

Meus companheiros e minhas companheiras,

Vocês sabem que falar de aprendiz... Quero cumprimentar o Pegado, o Calixto, o (inaudível) Oliveira...

Vocês sabem que falar de aprendizado é comigo mesmo. Estou vendo até o Paulo Okamoto, Presidente do Sebrae, que aprendeu a ser ferramenteiro lá em São Bernardo, aprendeu a ser dirigente sindical comigo.

Quero dizer para vocês da minha alegria em ouvir a história deste menino, porque a história dele é a história de outros milhões de meninos e meninas. Lamentavelmente, Raí, nós vivemos um problema, eu não sei se é um problema brasileiro ou um problema mundial. A notícia ruim parece carro de Fórmula 1 e a notícia boa parece um fusquinha sem gasolina. No fundo, no fundo, todo santo dia acontece uma ou outra coisa ruim e todo santo dia acontecem muitas coisas boas. Entretanto, raras vezes nós ficamos sabendo das notícias boas.

Esses meninos são um exemplo disso. Tem muitas ONGs pelo Brasil cuidando dos nossos adolescentes, das nossas crianças. Tem política do governo, o ProJovem, que pretende incluir 4,5 milhões de jovens até 2010, jovens que já tinham desistido da escola, e nós queremos recuperá-los para a escola e para a profissão. E tem muitas outras coisas acontecendo na sociedade. Mas, muitas vezes, nós ficamos sabendo apenas daquela coisa ruim que aconteceu, possivelmente porque não sabemos fazer a comunicação



correta, ou não saibamos fazer com que a notícia boa ande tão rápido quanto a notícia ruim.

Eu sou um aprendiz, comecei com 13 anos de idade. Não cheguei a ser presidente do Banco do Brasil, mas cheguei a ser Presidente da República. Não tenho o poder que tem o Presidente (do Banco) do Brasil, mas tenho o poder de indicá-lo para ser Presidente do Banco do Brasil e eu só poderia contar, como testemunha, não para eles, mas para os jovens que estão aqui, que o aprendizado de uma profissão muda a vida de uma pessoa e muda a vida da família.

Obviamente, esse aprendizado não precisa ser o aprendizado do Raí, que vai jogar na Seleção brasileira e que vai ser bicampeão do mundo pelo São Paulo, não precisa ser assim. Uma profissão bem simples, daquelas que não precisa ir jogar no Paris Saint-Germain, daquelas que fica jogando no Corinthians, por exemplo.

Uma profissão, por mais elementar que ela seja, na medida em que ela tira o menino ou a menina da condição de não saber nada, porque não tem nada pior... quem pratica futebol, qualquer esporte, sabe o seguinte: se chegar alguém em um time para treinar, o goleiro está lá esperando o menino para saber qual a posição, e ele falar “qualquer uma”, ele está fora. Não é possível qualquer uma. Quando você chega na porta de fábrica, em uma loja, em um comércio aqui em Brasília, em um comércio em São Paulo, no Rio de Janeiro, e o lojista pergunta lá para o adolescente que está procurando emprego: “O que você sabe fazer?” “Ah, tudo”. Não sabe fazer nada. Esse, se disser: “Não sei fazer nada”, também não tem possibilidade.

Daí a importância de ter não apenas a lei, de ter não apenas a regulamentação, porque a lei foi regulamentada há pouco tempo, a lei é de 2000. Agora, todo mundo sabe que no Brasil não basta apenas a lei. É preciso a lei, é preciso condições para que essa lei possa funcionar, porque muitas vezes o legislador que faz a lei a faz com tanta rigidez que ela termina até



sendo proibitiva para que alguns empresários se sintam em condições de contratar as pessoas. Se colocarmos muitos obstáculos, termina isso sendo proibitivo de você cumprir o interesse para o qual a lei foi aprovada, que é dar oportunidade aos meninos de aprenderem uma profissão, sem coibi-los e sem proibi-los de estudarem.

Se os empresários brasileiros... Vamos ser francos: do ponto de vista econômico-financeiro, qualquer empresário brasileiro, qualquer empresário – não estou dizendo o micro, que trabalha por conta própria e que vende coisas na rua, esse não vai conseguir. Mesmo assim, muitos têm... – qualquer empresário brasileiro pode ter um grupo de menores aprendizes trabalhando com ele. Não é um problema econômico. O problema, e como você é ministro do Trabalho, eu sou presidente da República e aqui tem muita gente importante, o problema é que, muitas vezes, o empresário não contrata com medo do que vem depois. Não contrata com medo de depois, depois de dois anos entrar na Justiça, vir um procurador do Ministério do Trabalho ou alguém entrar com um processo. Tem uma série de coisas que são até mais graves do que a própria lei, é o chamado pânico do que vem depois. E nós só vamos mudar isso com a precisão da legislação e com a capacidade que a gente tenha de construir parcerias.

Daí porque, Maria Fernanda e Lima Neto, é importante que as empresas públicas brasileiras cumpram com a sua parte para que os empresários privados não tenham medo de cumprirem com a sua parte. Ninguém está propondo colocar crianças, adolescentes em locais insalubres, ninguém está pensando em colocar em lugares perigosos, ninguém está pensando em colocar esses meninos e meninas para trabalhar e parar de estudar. Nada. O que nós queremos é apenas ser uma luz no começo do túnel, não no fim do túnel, para que esses jovens percebam que há uma oportunidade para eles.

Eu fui a São Paulo agora, Raí, lançar o Bolsa Atleta. Nós agora vamos estender para mais de 3,3 mil atletas brasileiros desde uma bolsa de R\$ 300



para um atleta que está disputando uma competição estudantil até R\$ 2.500 para aqueles que já estão, como o Clodoaldo, participando de Olimpíadas, Paraolimpíadas, ou seja, nós estamos pensando em cumprir isso. Fiquei muito feliz porque alguns governadores de estados também estão pensando em criar bolsas para permitir que jovens pobres da periferia, que muitas vezes não têm dinheiro nem para comprar um tênis... às vezes têm o tênis e não têm o local adequado para correr e, de vez em quando – eu disse lá em São Paulo – aparecem os milagres. Aparece uma cortadora de cana que vira campeã da São Silvestre, mas isso é uma vez ou outra. O que nós precisamos é criar os nossos bons profissionais, dando a eles as condições adequadas para que eles treinem e possam competir com quaisquer outros jovens de qualquer outro país.

Na questão da profissão é a mesma coisa, ou seja, o Brasil entrou definitivamente no caminho de se transformar em um país desenvolvido e nós sabemos, com o crescimento da economia, quanta mão-de-obra qualificada está faltando no mercado. E por que está faltando mão-de-obra qualificada no mercado? Porque, por exemplo, a construção civil – e aqui deve ter empresários da construção civil – teve praticamente 20 anos em que ela deixou de crescer. Na medida em que a construção civil deixa de crescer, começa a diminuir a formação de engenheiros nas universidades brasileiras. As pessoas vão tentando se formar naquela profissão da moda. Aí muita gente se forma, cai o salário daquela profissão, as pessoas vão procurando outras. Muita gente foi embora.

Nós estamos precisando de técnicos – a Petrobras está com um processo imenso de formação profissional, e deve ter parceria com o Ministério do Trabalho – para que a gente possa dar vazão à capacidade de investimento da Petrobras. Acho que são 70 mil jovens da Petrobras, 70 mil jovens já previsto, para que a gente possa preparar os brasileiros que daqui a alguns anos vão assumir a exploração do petróleo na camada pré-sal, que está a seis



ou sete mil metros de profundidade. Isso vai levar alguns anos. Pela criatividade do povo brasileiro, a gente pode competir com outros países na prestação de serviço, por exemplo, na questão dos call centers. Os jovens brasileiros têm mais criatividade. Essa mistura de europeu, índio, negro permitiu que nascesse um povo mais criativo, mais esperto que a média daqueles que estão tudo assim, é tudo a mesma coisa. É como determinado setor público. O setor público, tem uma parte dele que aprendeu a dizer sim ou não. Se tiver alguma coisa no meio, ele não sabe como fazer.

Então, o brasileiro, nesse aspecto, tem um potencial extraordinário. Eu acho, Lupi, que não é impossível cumprir a meta de 800 mil jovens até 2010. Agora o importante é não ficar apenas no campo da intenção. Você tem a lei, ela está regulamentada. Você tem a proposta dos atletas que é para que os setores públicos federal, estadual e municipal cumpram com a sua parte. Se nós cumprirmos com a nossa parte, vamos motivar comerciantes e empresários a cumprirem com a sua parte. E quando menos a gente esperar diminuiu o número de criminalidade no País, diminuiu o número de violência e de jovens mortos na rua e a gente vai pensar que é atuação da polícia. Aí vai aparecer algum especialista dizendo para nós: “Olha, diminuiu porque a meninada teve oportunidade, foi estudar e pôde encontrar o emprego, e resolveu que o emprego era melhor do que ser criminoso ou ser marginal”.

Participar de um ato como este é contar história de vida. Eu não cheguei a ganhar o dinheiro que o Zetti ganhou, e esse menino ganhou muitas vezes sem merecer, porque poderia ter ganhado mais se jogasse no Corinthians, sobretudo na segundona. Eu, com um diploma do Senai – eu digo isso sempre para vocês prestarem atenção, sobretudo a meninada – eu, por causa de um diploma do Senai, Cristovam, fui o primeiro de oito filhos a ter uma casa, fui o primeiro a ter uma televisão, fui o primeiro a ter uma geladeira, fui o primeiro a ter um carro. Isso, por conta de uma profissão que eu aprendi. Depois, fui o



primeiro a chegar a presidente da República. Os outros são mais velhos do que eu, certamente terão mais dificuldade.

Por isso, parabéns, Lupi, parabéns, Raí, parabéns aos atletas, parabéns aos empresários, parabéns aos (inaudível) pelo trabalho, que eu sei que você está engajado nisso há muitos e muitos anos e o gesto de vocês apenas indica para mim o seguinte: vale a pena a gente acreditar que é possível fazer uma coisa.

Vejam um exemplo: todo mundo está vendo uma crise internacional 24 horas por dia nos meios de comunicação. Todo mundo está vendo. Agora, todo mundo está percebendo também que de todos os países do mundo, dos Estados Unidos à Alemanha, passando pelo Japão, pela Coreia, indo à China e à Índia, o Brasil é, neste momento, o país mais seguro e mais preparado para enfrentar esta crise, porque nós acreditamos.

Então, eu queria agradecer a vocês e, terminado o ato, Lupi, eu queria dizer o seguinte: nós estamos vivendo um momento de tristeza no Brasil, vocês estão acompanhando o que está acontecendo em Santa Catarina. Eu acabei de falar com o Governador quando eu vinha para cá. Já morreram 51 pessoas. A água já está baixando na cidade de Blumenau, onde morreram dez pessoas, mas 90% de Itajaí e da região estão cobertas de água. Nós mandamos para lá os aviões da Aeronáutica para fazer, começar o processo de resgate. Amanhã vão vários ministros para lá, para ver o que é possível fazer, recuperar várias estradas. Estamos entrando no final do ano. Muita gente visita Santa Catarina, muita gente vem de outros países e várias estradas estão totalmente desmontadas.

Então, eu queria pedir para vocês não terminarem festejando, como sempre, mas a gente terminar isso aqui homenageando com um minuto de silêncio as vítimas das enchentes de Santa Catarina.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
